



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

CARLA SILVA COELHO

**AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DO CURSO
DE FARMÁCIA EM ARIQUEMES - RO**

ARIQUEMES-RO
2017

Carla Silva Coelho

**AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DO CURSO
DE FARMÁCIA EM ARIQUEMES - RO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Farmácia Generalista da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do título de bacharelado em Farmácia.

Prof. Orientadora: Ms. Vera Lúcia Matias Gomes Geron

Ariquemes - RO
2017

Carla Silva Coelho

**AUTOMEDICAÇÃO EM ACADÊMICOS DO CURSO DE
FARMÁCIA EM ARIQUEMES - RO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Farmácia Generalista da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em farmácia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Ms. Vera Lúcia Matias Gomes Geron
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof^o Dr. Miguel Furtado Menezes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof^o Ms. André Tomaz Terra Júnior
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, 21 de Novembro 2017.

A Deus por ser meu porto seguro,
Aos meus pais com todo meu amor e carinho,
Ao meu esposo e filho, razões por eu estar lutando,
As minhas Irmãs e sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força e coragem durante esta longa caminhada.

À minha família, em especial aos meus pais Edna Felix e Wilson Coelho pela educação e incentivo aos meus estudos.

Ao meu esposo Ueder Vinícius e filho Carlos Vinícius pela compreensão dos dias corridos e longe de casa. Agradeço pelo apoio e carinho e por sempre estarem ao meu lado nos momentos de dificuldades.

A minha sogra Dinolice Pereira minha segunda mãe, que sempre me ajudou.

Aos meus professores pela orientação, incentivo, apoio e compreensão.

Aos meus amigos, que foram meus companheiros tanto nos momentos de alegria quanto nos momentos de dificuldade durante esta jornada de esforço e dedicação.

De um modo geral o consumidor não tem experiência nem conhecimentos necessários para distinguir distúrbios, avaliar a gravidade e escolher o mais adequado entre os recursos terapêuticos disponíveis, o que leva a prática da automedicação ser bastante danosa para a saúde de quem a pratica.

(Schenkel, 1996)

RESUMO

A automedicação é definida pela ingestão de medicamentos sem o devido uso de prescrições médicas, indicação ou orientação de um profissional da área da saúde. Considerada uma prática comum, inclusive entre universitários da área da saúde, os mais adeptos à automedicação são aqueles que têm o maior grau de informações adquiridos nas instituições. Este estudo tem como principal objetivo analisar a ocorrência da automedicação em estudantes do curso de farmácia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Ariquemes, RO. Trata-se de estudo de prevalência, com uma abordagem quantitativa, sendo utilizada uma amostra por conveniência. O instrumento usado para a coleta dos dados foi um questionário estruturado contendo 17 questões. A população pesquisada foi de 148 acadêmicos graduandos do curso de farmácia. Pode-se observar que 95,27% dos acadêmicos já fizeram ou fazem uso de medicamentos sem prescrição ou orientação de profissional. Os medicamentos mais utilizados na prática da automedicação foram os analgésicos e antitérmicos (86,49%); seguido de (82,47%) anti-inflamatórios e (81,76%) antigripais. Segundo as respostas dos acadêmicos os principais motivos que levam a automedicação são dores de cabeça (91,9%), seguido por dores de garganta (68,92%), sintomas da gripe (68,24%) e febre (68,24%). Concluindo, o estudo é necessário que práticas educativas sejam incorporadas quanto ao uso correto dos medicamentos, para que os acadêmicos consigam voltar à preocupação para si e a população possa receber deles cuidados para uma melhor qualidade de vida.

Palavras Chave: Farmácia; Medicamentos; Automedicação; Saúde; Acadêmicos de Farmácia.

ABSTRACT

Self-medication is defined by ingestion of medications without the proper use of medical prescriptions, indication or guidance of a healthcare professional. Considered a common practice, even among university students in the health area, those most adept at self-medication are those who have the highest degree of information acquired in institutions. This study has as main objective to analyze the occurrence of self-medication in students of the pharmacy course of the Faculty of Education and Environment – FAEMA, Ariquemes, RO. It is a prevalence study, with a quantitative approach, and a sample is used for convenience. The instrument used for the data collection was a structured questionnaire containing 17 questions. The population studied was 148 undergraduate students of the pharmacy course. It can be observed that 95.27% of the students have made or use medications without prescription or professional orientation. The drugs most used in the practice of self-medication were analgesics and antipyretics (86.49%); followed by (82.47%) anti-inflammatories and (81.76%) anti-influenza. According to academic responses, the main reasons for self-medication are headaches (91.9%), followed by sore throats (68.92%), flu symptoms (68.24%), and fever (68.24%). In conclusion, the study requires that educational practices be incorporated into the correct use of medicines, so that the students can return to the concern for themselves and the population can receive them care for a better quality of life.

Keywords: Drugstore; Medicines; Self-medication; Cheers; Academics of Pharmacy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Principais tipos de medicamentos utilizados para automedicação.....	29
Tabela 2 - Doenças tratadas pelos medicamentos utilizados sem prescrição médica	30
Tabela 3 - Motivos que levaram para utilização dos medicamentos sem prescrição médica.....	31
Tabela 4 - Influências que levaram a prática da automedicação.....	32
Tabela 5 - Cômodos onde são armazenados os medicamentos sem prescrição médica.....	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Porcentagem de acadêmicos que fizeram ou fazem automedicação.....	27
Gráfico 2 - Porcentagem de acadêmicos que fez uso de medicação sem prescrição médica nos últimos 15 dias.	28
Gráfico 3 - Porcentagem de episódios diagnosticado como intoxicação medicamentosa.	33
Gráfico 4 - Porcentagem de episódios diagnosticado reação adversa.....	33
Gráfico 5 - Porcentagem de sintomas causado por medicamentos sem prescrição médica.....	34
Gráfico 6 - Porcentagem de acadêmicos que acreditam que tem conhecimento suficiente para automedicar-se.	35

LISTA DE ABREVIATURAS

AF	Atenção Farmacêutica
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
MIPs	Medicamentos Isentos de Prescrição
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
SUS	Sistema Único de Saúde
FAEMA	Faculdade de Educação e Meio Ambiente
RO	Rondônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 MEDICAMENTO.....	16
2.2 ACESSO AO MEDICAMENTO.....	17
2.3 AUTOMEDICAÇÃO.....	18
2.4 ASPECTOS QUE INFLUENCIAM PARA A AUTOMEDICAÇÃO	19
2.5 AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE.....	20
2.6 ATENÇÃO FARMACÊUTICA.....	22
3 OBJETIVOS	24
3.1 OBJETIVO GERAL.....	24
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	24
4 METODOLOGIA	25
4.1 TIPO DE ESTUDO	25
4.2 LOCAL DE ESTUDO.....	25
4.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO.....	25
4.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.....	25
4.5 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO.....	26
4.6 COLETA DE DADOS	26
4.7 ESTATÍSTICA	26
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27

CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICES	42

INTRODUÇÃO

A automedicação, definida pela administração de medicamentos sem o devido uso de prescrições médicas, indicação ou orientação de um profissional da área da saúde, é uma iniciativa que vem do próprio paciente que decide qual é o melhor medicamento para o tratamento de doenças e sintomas. (SILVA et al., 2011).

Não só no Brasil, mais em todo o mundo houve um aumento da disponibilidade de medicamentos, e com isso, surgiu um problema em relação ao uso racional, que se tornou um dos problemas da saúde pública, com vista em que os medicamentos se tornaram indispensáveis na terapia atual (BARATA; BATISTA, 2010).

Fatores que contribuem para o aumento da automedicação são os aspectos políticos, culturais e econômicos, onde o acesso à saúde é difícil e grande parte da população não apresenta condições financeiras para custear um plano particular de saúde. No mercado há uma grande disponibilidade de medicamentos e tem-se um fácil acesso a estes, gerando uma familiaridade dos medicamentos para o usuário leigo, assim como indicação de familiares, amigos. A utilização de prescrições médicas antigas (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012).

A prática da automedicação não ocorre somente nas classes mais desfavorecidas, é bastante comum entre os estudantes universitários, mesmo aqueles no setor da saúde. Assim, a preocupação aumenta e intervenções eficazes deve ser procurado, levando em consideração todo o conhecimento obtido no decorrer da formação, pressupõe-se que estudantes do curso de Farmácia não se automedicam, principalmente, considerando que após formados serão os responsáveis por sensibilizar sobre a automedicação e seus riscos, porém, de acordo com alguns estudos, os mais adeptos à automedicação são aqueles que têm um maior grau de informações (SILVA; RODRIGUES, 2014).

A automedicação é um problema que pode ser prevenido, mesmo assim, persiste na população e ocasiona agravos à saúde, como a dependência e reações alérgicas, aumento da resistência de microorganismos. Com taxas altas de automedicação, apresenta um risco para a população. Com base no exposto, justifica-se a elaboração desse estudo, numa pretensão de conhecer os fatores que

influenciam na automedicação, além de inferir se as informações adquiridas durante a graduação interferem no curso durante na prática da automedicação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 MEDICAMENTO

Desde os primórdios, o homem primitivo vem trabalhando com afinco na busca de algo que alivie a dor de feridas, para tanto, faziam o uso de banhos frios ou folhas frescas com intuito sedativo, até mesmo lama. Com isso, foram surgindo, diversas formas de terapias. Umas mais eficientes que outras, até chegarem na prática da terapia que utiliza fármacos. Podendo ser relacionados à definições de saúde e doença, independentemente posição econômica, social ou étnica do indivíduo, como também a história de vida. Medicamento é toda preparação feita sob receita à administração que contenha fármacos, objetivando efeitos benéficos, com finalidade terapêutica, com fins comerciais (TAVEIRA; GUIMARÃES, 2014; ROCHA, 2014)

A produção dos medicamentos não são realizadas de forma desordenada, existem normas a serem seguidas e um controle de fabricação, que são instaurados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), todo processo de produção e venda devem ser supervisionados por um farmacêutico. Quando devidamente empregados podem, além da ação terapêutica normal, ter ações profiláticas, atuando na prevenção e em diagnósticos, auxiliando na manutenção e na melhoria da qualidade de vida (TAVEIRA; GUIMARÃES, 2014; ARRAIS et al., 2014).

Os medicamentos não têm por finalidade apenas diminuir o sofrimento ou finalizar o processo das doenças agudas e remissíveis, mais também fornecem aos pacientes com doenças crônicas uma melhoria da qualidade de vida, retardando suas reações malélicas, por isso, são considerados muito importantes. Com isso, tem como essência a recuperação da saúde como também sua preservação são considerados um bem de consumo nobre. São fatores de cura, porém, se usados inadequadamente podem causar doenças (ALVES; MATTOS; VIEIRA, 2012).

Para evitar problemas causados por medicamentos, é importante que o mesmo seja prescrito de maneira adequada a situação do indivíduo, na forma farmacêutica, com doses e período de duração do tratamento, que esteja disponível a um preço acessível, condições adequadas, e orientações adequadas (ROCHA, 2014).

2.2 ACESSO AO MEDICAMENTO

Garantido por lei, o acesso à saúde é um direito de todo cidadão. De acordo com o artigo 6º da Lei nº 8.080, o cidadão tem assegurado o fornecimento da assistência terapêutica integral, incluindo a assistência farmacêutica (BRASIL, 1990).

Mesmo com essa garantia, Paniz et al. (2016) afirmam que não é fácil medir o acesso aos medicamentos, pois sua definição é complexa. Existem variações que devem ser consideradas, o fato de se confundir ou mesmo se sobrepor às definições de uso racional e de adesão é uma delas. O acesso ao medicamento não é garantia de adesão ou de uso racional.

Na pesquisa realizada por Paniz et al. (2016) os dados sobre acesso a medicamentos corroboram com a pesquisa de Boing et al. (2013), onde fica evidente que indivíduos com uma condição econômica melhor, tem acesso a todos os medicamentos, por conseguirem pagar o tratamento, o acesso pelo SUS é limitado, independente de idade ou condição de saúde avaliada; o gasto com medicamentos essenciais é muito alto; prevalência alta de acesso aos fármacos.

De acordo com Rocha (2014) os medicamentos são considerados produtos especiais, exatamente por possuírem uma relação com saúde e bem-estar dos indivíduos, por isso, requerem políticas públicas adaptadas para que seu uso seja feito de forma responsável. No século passado com o advento da indústria farmacêutica houveram promoções de um problema público, ou seja, o uso exagerado e irresponsável de medicamento, junto com isso, veio como consequência o aparecimento de problemas gerados por este uso, criando assim uma necessidade de intervenção do estado.

Essa expansão afirmou ainda mais a necessidade de uma política específica nessa área, que vise o favorecimento da melhora da expectativa de vida, e não só, outros fatores relacionados ao lucro da venda de medicamentos (OLIVEIRA; BERMUDEZ; OSÓRIO-DE-CASTRO, 2007).

Ao tratar do acesso ao medicamento é importante ressaltar a respeito da necessidade da prescrição para a obtenção do medicamento. Essa necessidade tem o intuito de limitar a liberdade pessoal, onde o indivíduo não é dono de sua própria experiência e vontade na busca imediata do alívio da sintomatologia. Tornou-se algo

cultural o desejo de consumo de medicamentos, a influência da economia e aspectos legais facilitam a posse sem a apresentação da receita médica (PANIZ et al., 2016).

2.3 AUTOMEDICAÇÃO RESPONSÁVEL

A automedicação é definida pelo uso de medicamento sem prescrição, orientação e/ou acompanhamento médico. Diferente de automedicação responsável, que é o uso do medicamento não prescrito, porém realizado com o acompanhamento de um farmacêutico, visando ofertar uma conduta racional para uso dos fármacos. Tornou-se prática comum na sociedade, mesmo podendo ocasionar doenças, interações medicamentosas e intoxicações, entre outros problemas de saúde (ROCHA, 2014).

Recorrendo à automedicação responsável Bito (2013) diz que dessa maneira o paciente trata um problema de saúde que não possui gravidade ou risco de uma forma rápida, segura, pois recebe orientação do profissional farmacêutico e com baixos custos, já que não haverá gastos com consulta médica. Com isso, pode-se considerar que os indivíduos passam a possuir uma autonomia e responsabilidade sobre sua saúde, refletindo assim em uma menor sobrecarga nos Hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS) e permitindo com isso que os médicos estejam disponíveis para situações mais graves.

No entanto, essa teoria não é tão bonita na prática, uma vez que a população que utiliza o SUS é de classe social baixa onde o nível de conhecimento é considerado insuficiente para ter autonomia sobre sua saúde e uso de medicamentos com segurança. Por mais que a automedicação responsável seja vista como tratamento seguro, deve-se ter a consciência de que o uso de um medicamento tem sempre um risco associado, mesmo que haja conhecimento de sua margem de segurança (BITO, 2013).

Considerando isso, para que seja feita a utilização destes medicamentos é necessário que o quadro clínico seja facilmente perceptível, pois muitas vezes a automedicação camufla sintomas de patologias graves. Nestes casos, o diagnóstico pode ser feito tarde e conseqüentemente é também retardado, o que agravaria o estado de saúde (ALVES; MATTOS; VIEIRA, 2012).

De acordo com Aquino, Barros e Silva (2010), mesmo que muitas vezes a automedicação seja necessária, não deve se tornar hábito, muito menos utilizada de maneira inadequada. O uso inconsequente pode ter como resultado: efeitos indesejáveis; enfermidades iatrogênicas; mascaramento de doenças evolutivas. O uso dos medicamentos deve ser feitos apenas quando imprescindível e recomendado por um profissional apto.

2.4 ASPECTOS QUE INFLUENCIAM PARA A AUTOMEDICAÇÃO

A população vem buscando cada vez mais adquirir medicamentos de fácil acesso. Vários fatores contribuem para que seja feita uma utilização incorreta e irracional dos medicamentos, como os valores altos das consultas médicas, o fácil acesso aos medicamentos sem receitas, as informações rápidas na via internet, a pouca informação e baixo conhecimento sobre os riscos, as propagandas nos meios de comunicação de massa (SILVA et al., 2011).

Entre os aspectos, pode-se considerar também as prescrições antigas, a recomendação de medicamentos por farmacêutico ou funcionário da farmácia e os familiares vizinhos e amigos, como influenciadores significativos, até mesmo para os universitários de outras áreas de formação. No âmbito universitário, na área da saúde, o conhecimento a respeito do problema de saúde e do medicamento possui influência significativamente (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012).

Estudos sobre o assunto dizem que: a orientação dos profissionais de saúde e população geral; o desenvolvimento de políticas públicas que tenham por finalidade a promoção da saúde; a fiscalização apropriada da divulgação, propaganda e venda de medicamentos sem prescrição, são fundamentais para que ocorra uma minimização da prática da automedicação e conseqüentemente dos danos por ela causados (SANTOS et al., 2010).

Também influenciam na automedicação, a má qualidade e demora no atendimento público, a falta de humanização, até mesmo maus tratos que prejudica ainda mais a saúde física e mental, insatisfação com a qualidade das orientações recebidas, ausência de esclarecimento sobre o problema de saúde, a experiência anterior com um medicamento pela pessoa ou a busca por orientação com amigos que já passaram pela mesma experiência são fatores que segundo Naves (2010).

Outro ponto importante e que deve ser levado em consideração como influência ao consumo de medicamentos é o fato do mesmo ser considerado solução para os problemas de saúde, isso faz com que haja a percepção de que toda doença exige um tratamento com fármacos (NAVES, 2010).

2.5 AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE

Considerada uma prática comum, a automedicação que ocorre inclusive entre acadêmicos da área da saúde vem possibilitando agravos e mascaramento de doenças, interações medicamentosas e intoxicações. No Brasil, é uma prática que vem crescendo com maior intensidade em regiões carentes, onde a população não possui acesso à saúde, e também na classe média e alta, onde existe uma maior instrução e maior confiança na prática da automedicação. Este também é um dos principais motivos do índice elevado entre acadêmicos de ensino superior da área da saúde (SANTOS et al., 2010).

Os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso são, como já foi dito, influenciadores no grande índice de automedicação entre acadêmicos da área de saúde. Os maiores defensores da automedicação são aqueles que possuem um maior grau de informação, podendo assim ser entendido que o acúmulo de conhecimento, seja na experiência de vida ou adquirida nas instituições de ensino, particularmente em centros de ensino superior com foco em ciências da saúde, gera maior confiança naqueles que fazem automedicação (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010; SANTOS et al., 2010).

Pressupõe-se que estudantes do curso de Farmácia não fariam a automedicação, levando em consideração o acúmulo de informações a fins adquiridos nas instituições educacionais e, principalmente o fato de que futuramente, serão os principais responsáveis por sensibilizar a população sobre a automedicação e seus riscos (SANTOS et al., 2010).

Em uma pesquisa realizada por Galato, Madalena e Pereira (2012) mostrou que o problema de saúde mais citado para automedicação em universitários é a dor (dores de cabeça, cólicas, dor em geral. Os medicamentos mais utilizados, segundo a pesquisa, possuem analgésicos, o que condiz com o problema mais citado. Nos motivos que influenciaram a automedicação tem-se: praticidade; facilidade de

compra; falta de acesso ao serviço de saúde; uso de medicamentos já armazenados em casa, sobras de tratamentos anteriores; influencia de familiares ou por antigas prescrições que obtiveram êxito,

Ainda de acordo com os autores supracitados, ficou evidente que as mulheres se automedicam mais que os homens, pois, realizam mais o autocuidado e conseqüentemente a automedicação. Percebe-isso quando 23,6% das mulheres entrevistadas dizem utilizar anticoncepcional sem prescrição médica, sendo que existem critérios médicos de elegibilidade de anticoncepcionais orais que devem ser respeitados na seleção deste medicamento (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012).

Aquino, Barros e Silva (2010) entrevistaram 223 acadêmicos de uma universidade pública no município do Recife, sendo que o maior número de participantes do sexo feminino. Um total de 57,7% afirmaram que se automedicam. Os medicamentos mais utilizados por eles são analgésicos, devido a dores em geral (especialmente cefaleia, dores musculares e dismenorreia e resfriados) e vitaminas. Existe também o uso excessivo de antibióticos, que são vendidos livremente, embora sejam medicamentos que necessitam de prescrição médica.

Outra pesquisa realizada por Silva e Rodrigues (2014) com 209 universitários de cursos da área da saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, campus de Jequié, sendo 136 correspondia ao sexo feminino, entra em concordância com os dados já citados. 98,1% dos participantes já haviam realizado automedicação desde o início do curso. Dados que são semelhantes as pesquisas de Galato; Madeira e Pereira (2012), onde 96,5% realizavam automedicação, e 93,11% na pesquisa de Silva et al. (2011) também se automedicavam, na pesquisa de Lopes et al. (2014) 91,4% realizavam automedicação.

Ainda no estudo de Silva e Rodrigues (2014), 53,1% utilizavam receitas médicas antigas, tratando sintomas e doenças que se assemelhavam a que foi receitada. Em relação às formas de aquisição (72,9%) compraram o medicamento, 16,1% adquiriram de parentes, amigos ou vizinhos e 11% utilizaram sobras de tratamentos anteriores. Como explicação deram a facilidade de aquisição e que se trata de substâncias que não apresentam riscos à saúde, pois possuem venda livre.

Na pesquisa de Silva et al. (2011) de 697 acadêmicos entrevistados de uma universidade privada do Sul do Estado de Minas Gerais, 93,11% realizavam automedicação, como já citado, e 89% disseram conhecer os riscos de se

automedicar. Analgésicos e antitérmicos são os mais utilizados, sendo os principais motivos: dor de cabeça; dores de modo geral; febre e dor de garganta.

Naves et al. (2010) realizou uma pesquisa em grupo, onde os discursos dos participantes eram de insatisfação com a qualidade do atendimento no sistema de saúde, o que leva a automedicação. As ocorrências bem sucedidas tanto pelos próprios participantes quanto por pessoas perto deles, incentivam mais ainda a não procurarem prescrição médica.

Acadêmicos que fazem automedicação não estão aptos para serem agentes multiplicadores educativos. Pois, o que se espera de um acadêmico da área da saúde é uso racional dos medicamentos para que em um futuro próximo possa orientar seus pacientes quanto ao uso correto dos medicamentos, uma vez que terão conhecimentos dos riscos. (SILVA; RODRIGUES, 2014).

2.6 ATENÇÃO FARMACÊUTICA

Considerado um agente de saúde, o profissional farmacêutico é de fácil acesso da população, podendo ser encontrado na todas das farmácias e drogarias. Sua atuação profissional visa contribuir para a melhora da situação da saúde pública. Podendo atuar como agente sanitário, e não limitando suas funções apenas à dispensação de medicamentos (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2014).

Uma das principais preocupações da Atenção Farmacêutica (AF) é o consumo de medicamentos sem prescrição, pois vem assumindo proporções incabíveis e recentemente passou a ser considerada como problema de saúde pública. Por atingir altos índices em diversos países podem acarretar riscos diretos e indiretos à população. No Brasil, o acesso a medicamentos, atinge a quinta colocação no mercado mundial, com consumo alto em quase todas as faixas etárias (VIEIRA, 2010).

Outro risco é a precariedade do atendimento de saúde pública que, muitas vezes, faz da farmácia a primeira ou até mesmo a única opção acessível para proporcionar tratamento aos problemas de saúde. Assim o profissional que atua em farmácia, que presta o primeiro atendimento ao cliente, em várias oportunidades, torna-se o responsável pela indicação do medicamento que será utilizado (OLIVEIRA; BERMUDEZ; OSÓRIO-DE-CASTRO, 2007; VIEIRA, 2010).

O farmacêutico vem cada vez mais buscando espaço na farmácia, embora a desvalorização da profissão seja evidente na maioria das partes do Brasil. Com suas qualificações, é um profissional capacitado para fornecer assistência farmacêutica, cujo principal objetivo é conscientizar os paciente do uso correto dos medicamentos e sob a direção médica aliviar doenças que afetam sua saúde (NAVES, 2010).

A AF é uma ferramenta do profissional farmacêutico e tem o objetivo de promover o uso racional de medicamentos, conscientizando a população sobre a importância dessa prática, com isso justifica-se a necessidade da presença desse profissional em todas as farmácias e drogarias. Com o intuito de assumir a responsabilidade como promotor da saúde, contribuindo para o uso racional de medicamentos, visando favorecer a população e conseqüentemente melhorar a saúde pública (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2014).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar a prevalência da prática da automedicação em estudantes do curso de farmácia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Ariquemes, RO.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estabelecer fatores que influenciam a automedicação;
- Identificar as classes medicamentosas mais utilizadas;
- Analisar em quais doenças os medicamentos são utilizados;
- Discutir os motivos que leva os acadêmicos se automedicarem;
- Verificar o conhecimento dos estudantes acerca das indicações, possíveis interações e reações adversas dos medicamentos que utilizam na prática da automedicação.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo de prevalência, com uma abordagem quantitativa, sendo utilizada uma amostra por conveniência.

4.2 LOCAL DE ESTUDO

O estudo foi realizado na Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA.

4.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO

A população-alvo prevista era de 234 acadêmicos do Curso de Farmácia da FAEMA, porém, a população pesquisada esteve representada por 148 deles, uma vez que o questionário foi aplicado tomando por base os acadêmicos que se faziam presentes no dia selecionado para tal aplicação sendo que destes, 3 não se prontificaram a participar.

4.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Os critérios de inclusão para a avaliação foram: estar regularmente matriculado no referido curso de farmácia; ter idade igual ou maior que 18 anos; aceitar voluntariamente participar do estudo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) exigido pelo CEP/FAEMA devidamente assinado, estar presente.

4.5 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Como critérios de exclusão se tem aqueles que não correspondem às necessidades já apresentadas para a efetivação da pesquisa.

4.6 COLETA DE DADOS

O instrumento usado para a coleta das informações foi um questionário estruturado contendo 17 questões objetivas e descritivas, adaptado dos seguintes estudos, a saber: “Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento” de PEREIRA et al. (2006); “A automedicação em estudantes universitários da Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília de BORGES (2013); e por último, do estudo intitulado “Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil)” de IURAS et al. (2016) - (APÊNDICE A).

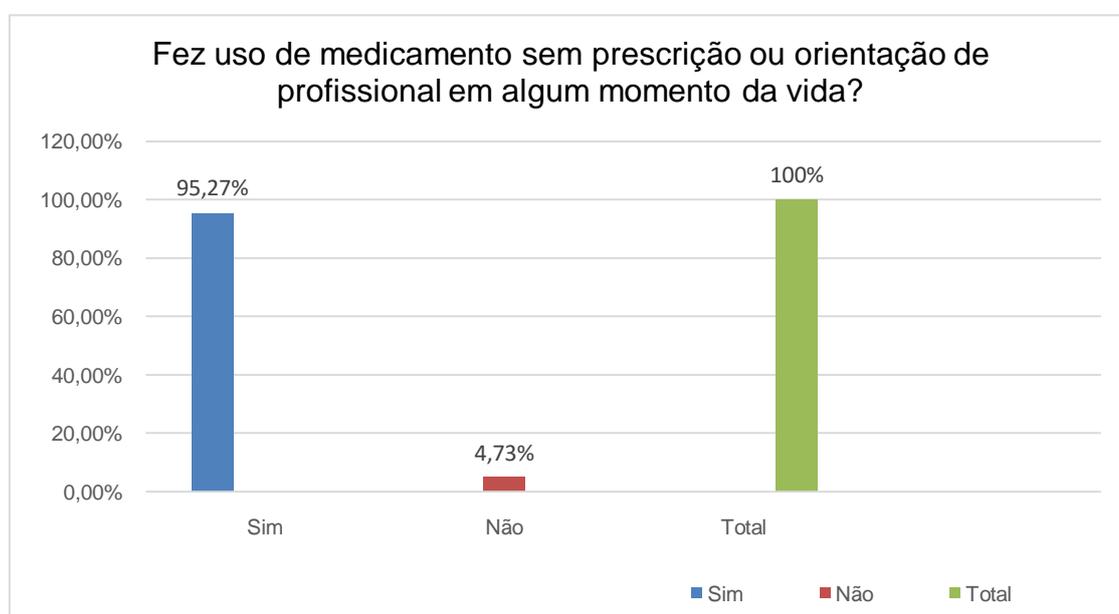
4.7 ESTATÍSTICA

Após a coleta dos dados, os questionários foram organizados e, em seguida, os dados foram tabulados utilizando o Programa Excel 2010, e para dados de prevalência foram calculados utilizando o Programa o Software Openepi.

Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, de acordo com a Resolução no 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sob o número do parecer 2.341.486, CAAE: 77713617.7.0000.5601.

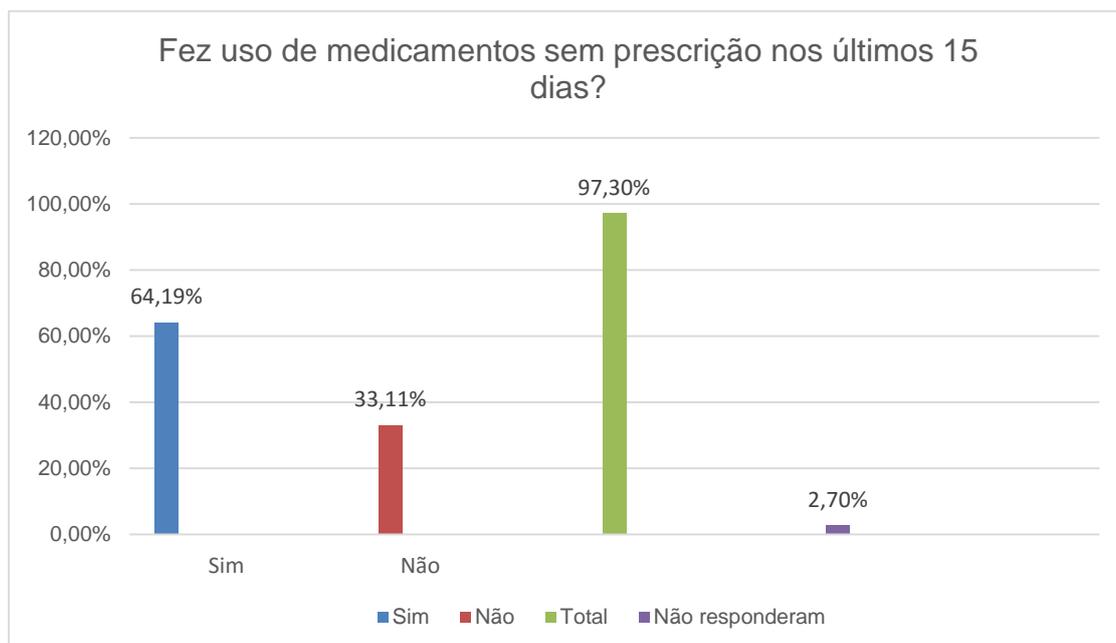
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil dos acadêmicos, no geral, evidenciou que o maior número de participantes era do sexo feminino, correspondendo a 74,32% da amostra, e 25,67% do sexo masculino. A faixa etária dos acadêmicos variou de 18 a 57 anos. Em estudo realizado por Silva et al. (2014), os indivíduos entrevistados também eram em sua maioria do sexo feminino correspondendo a 64% dos analisados e 36% do sexo masculino.



Fonte – Próprio autor. Gráfico 1 - Porcentagem de acadêmicos que fizeram automedicação.

Gráfico 1. Pode-se observar que 95,27% dos acadêmicos que responderam ao questionário já fizeram ou fazem uso de medicamentos sem prescrição ou orientação de profissional, apenas 4,73% não fizeram automedicação em algum momento da vida. Arruda et al. (2011) em seu estudo observou que 98% dos acadêmicos entrevistados já compraram e utilizaram medicamentos sem receita médica, sendo que 48% disseram que o medicamento que eles adquiriram necessitava de receita para a compra. Enquanto que Silva (2014) demonstrou em seu estudo que a prevalência de acadêmicos que fazem uso de medicamentos sem prescrição médica foi de 100%.



Fonte – Próprio autor. Gráfico 2 - Porcentagem de acadêmicos que fez uso de medicação sem prescrição médica nos últimos 15 dias.

Gráfico 2. Os dados demonstram que 64,19% fizeram uso de medicamentos sem prescrição nos últimos 15 dias e 33,11% disseram não ter feito. Nos estudos de Aquino et al. (2010) e Silva et al. (2015) corroboram com a pesquisa mostrando que 65,5% e 72% dos entrevistados fizeram o uso de medicamentos sem prescrição nos últimos 15 dias, respectivamente.

Tabela 1 - Principais tipos de medicamentos utilizados para automedicação

Classes	Acadêmicos	Porcentagem (%)
Analgésicos	128	86,49
Anti-inflamatórios	122	82,47
Antibióticos	60	40,54
Relaxante muscular	92	62,16
Antialérgicos	71	47,97
Antigripais	121	81,76
Antiespasmódicos	73	49,32
Gastroprotetores	37	25
Antiparasitários	54	36,49
Metilfenidato	12	8,108
Suplementos	64	43,24
Anticoncepcional	59	39,87
Outros	3	2,03

Fonte – Próprio autor

Tabela 1. Os medicamentos mais utilizados na prática da automedicação são os analgésicos e antitérmicos que correspondem a 86,49%; seguido de 82,47% anti-inflamatórios; 81,76% antigripais. Brandão et al. (2011) corroboram com esses achados quando afirmam em seu estudo que os grupos de medicamentos habitualmente ingeridos por automedicação são os analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios com 98,1%. O mesmo ocorre na pesquisa de Silva et al. (2014) onde os medicamentos mais utilizados foram analgésicos e antitérmicos com 19,4%, e anti-inflamatórios 17,8%.

Tabela 2 - Doenças tratadas pelos medicamentos utilizados sem prescrição médica

Doenças	Acadêmicos	Porcentagem (%)
Dores de cabeça	136	91,9
Dores musculares	88	59,46
Dor de garganta	102	68,92
Febre	101	68,24
Inflamação	80	54,05
Dores	79	53,38
Infecção	43	29,06
Sintomas da gripe	101	68,24
Cólica	76	51,35
Alergia	52	35,14
Dor de estômago	54	36,49
Parasitoses	42	28,38
Desgaste físico e mental	30	20,27
Outros	3	2,027

Fonte – Próprio autor

Tabela 2. De acordo com as respostas dos acadêmicos os principais motivos que levam a automedicação são dores de cabeça respondendo a 91,9%, seguido por dores de garganta com 68,92%, sintomas da gripe 68,24% e febre 68,24%. Resultado semelhante ao obtido pelo autor Borges (2013) o qual mostra que as dores em geral correspondem a 76,1%, seguido de gripes e resfriados com 61,5%, febre 42,2%, problemas de garganta 39,4%, são os problemas de saúde que mais levam a essa prática. Em concordância, Aquino et al. (2008) demonstraram que dentre os motivos que levaram os estudantes a fazerem uso de medicamentos destacou-se a dor (30,5%). Imediatamente depois, surgiram a prevenção de resfriado/suplementação alimentar (12,7%) e resfriados (10,8%).

Tabela 3 - Motivos que levaram para utilização dos medicamentos sem prescrição médica.

Motivos	Acadêmicos	Porcentagem
Praticidade e comodidade	107	72,3
Facilidade de compra na farmácia	48	32,43
Falta de acesso a serviços de saúde	8	5,5
Falta de dinheiro	5	3,4
Outros	10	6,8

Fonte – Próprio autor

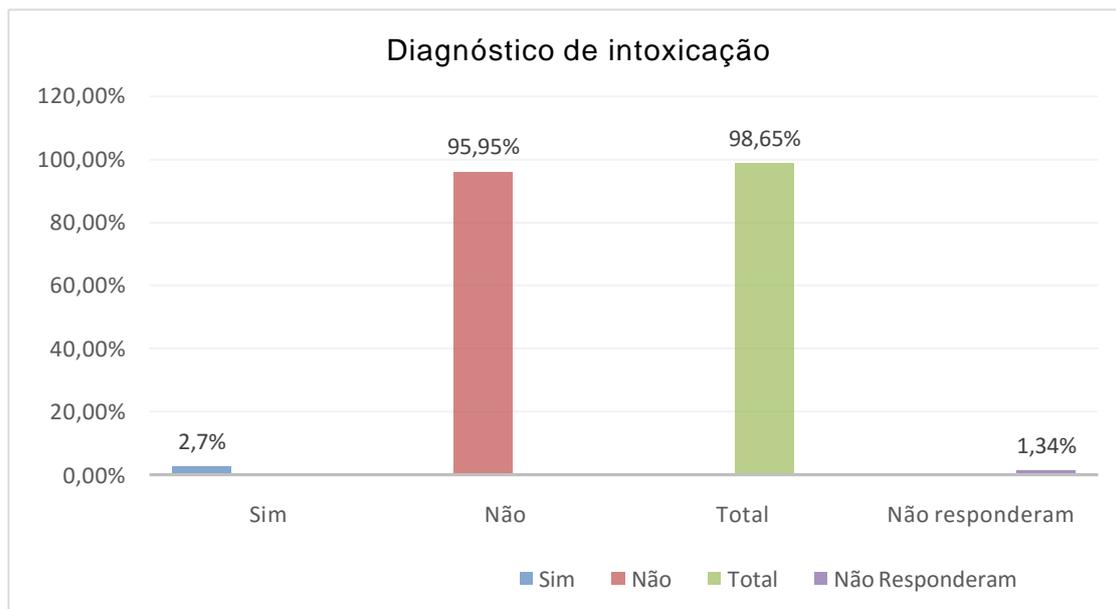
Tabela 3. O maior motivo para a utilização dos medicamentos sem prescrição e/ou orientação médica é a praticidade 72,3%, seguida da facilidade de compra na farmácia 32,43%, bem como a falta de acesso a serviços de saúde 5,5%. Borges (2013) comenta também que a praticidade de recorrer a este recurso foi a principal razão da automedicação, seguida da facilidade de compra nas farmácias 41,4%.

Tabela 4 - Influências que levaram a prática da automedicação

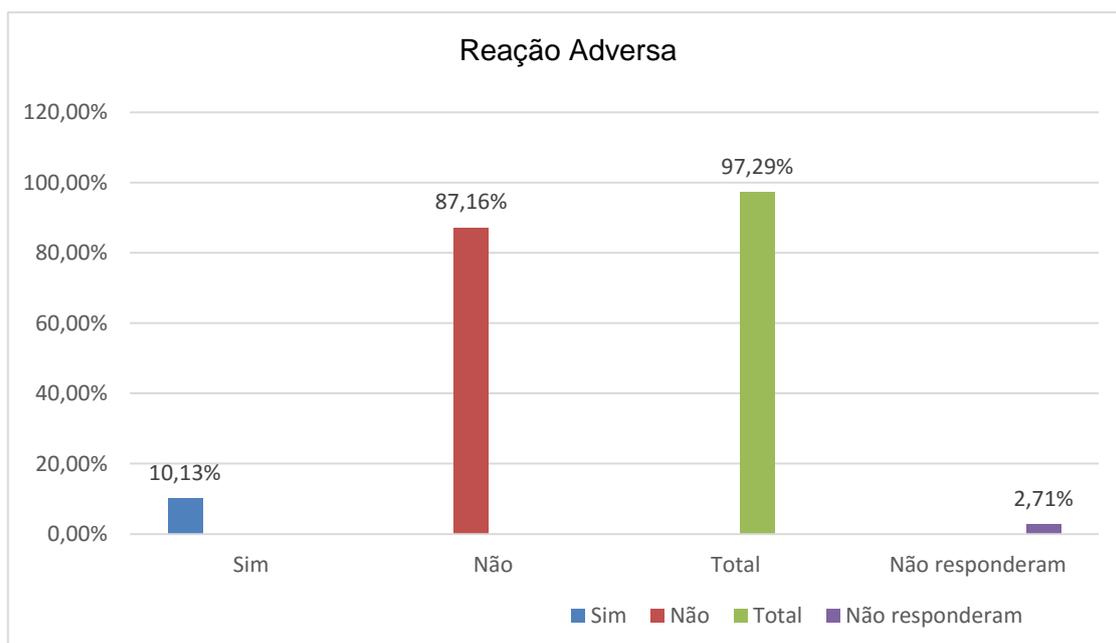
Influências	Acadêmicos	Porcentagem (%)
Farmacêutico ou funcionários da farmácia	34	22,98
Familiares, vizinhos e amigos	61	41,22
Conhecimento próprio	75	50,68
Prescrições antigas	17	11,49
Propaganda	9	6,09
Outros	1	0,68

Fonte - Próprio autor

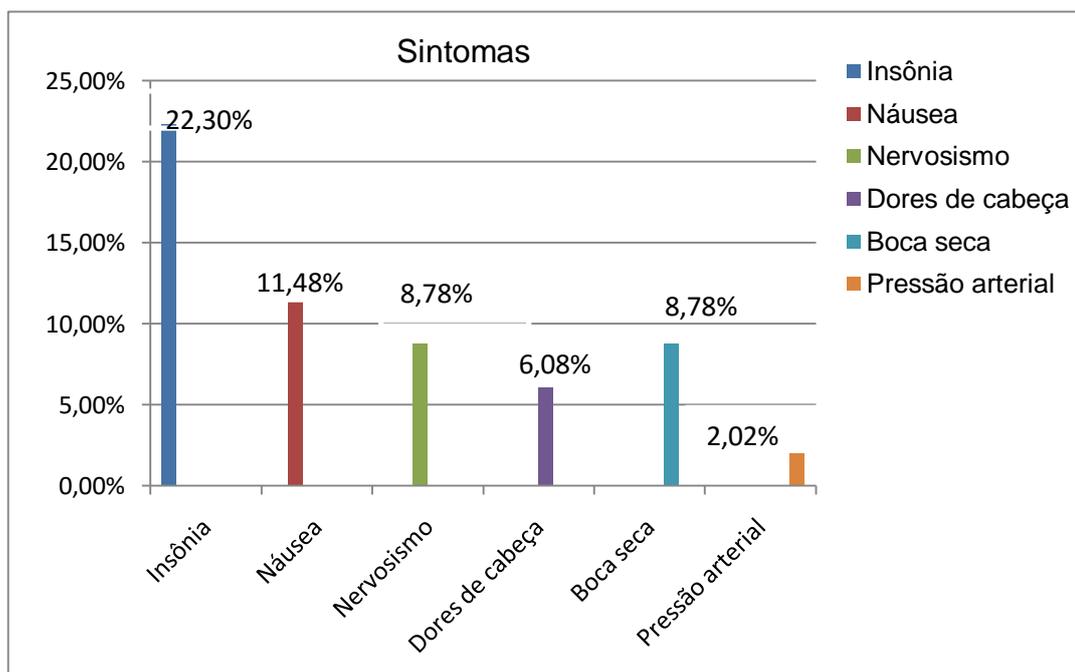
Tabela 4. Os acadêmicos afirmaram que as influências que mais levaram a prática de automedicar-se é o conhecimento próprio com 50,68%; familiares, amigos e vizinhos 41,22%; farmacêuticos ou funcionários da farmácia 22,97%. Borges (2013) afirmou em seu estudo que 63,5% dos acadêmicos foram influenciados por indicação de familiares e conhecidos; 58,9% disseram por conhecimentos próprios; 37,4% usaram prescrições antigas. No estudo de Silva et al. (2014), 53,1% dos acadêmicos afirmaram que já se basearam em receitas médicas antigas, para automedicar-se, e 38,2% foram influenciados por um familiar, assim como 30,1% já se automedicaram por conta própria.



Fonte – Próprio autor. Gráfico 3 - Porcentagem de episódios diagnosticado como intoxicação medicamentosa.

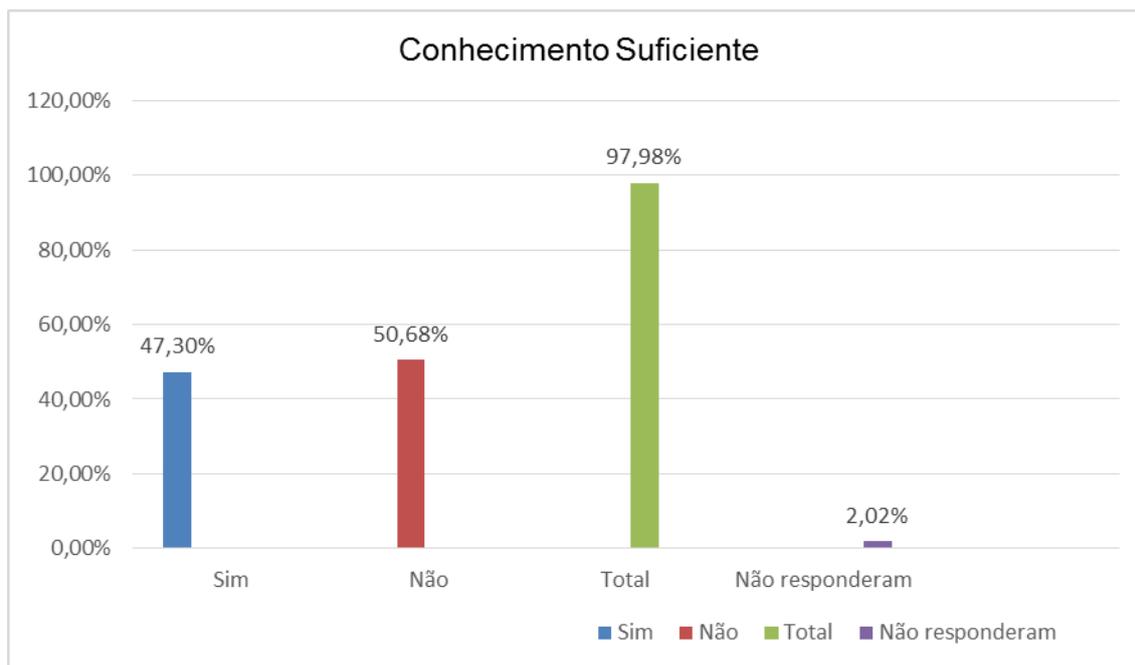


Fonte – Próprio autor. Gráfico 4 - Porcentagem de episódios diagnosticado reação adversa.



Fonte – Próprio autor. Gráfico 5 - Porcentagem de sintomas causado por medicamentos sem prescrição médica.

Gráfico 3. Os acadêmicos responderam que houve alguns episódios com diagnósticos de intoxicação por uso de medicamentos sem prescrição médica, cerca de 2,7%. (Gráfico 4) Observou-se inclusive que 10,14% dos acadêmicos tiveram episódios de reação adversa diagnosticado, (Gráfico 5) porém, 43,24% apresentaram alguns sintomas, tais como: insônia 22,30%; náuseas 11,48%; nervosismo e boca seca 8,78%, mesmo com isso 54,05% dizem conhecer as interações e reações adversas advindas dos medicamentos utilizados. Brandão et al. (2011) disse que não houveram casos de intoxicação advindo de automedicação entre os participantes, no entanto, três casos de reação adversa a medicamentos descritos na amostra, como diarreia, gastrite e tosse.



Fonte – Próprio autor. Gráfico 6 - Porcentagem de acadêmicos que acreditam que tem conhecimento suficiente para automedicar-se.

Gráfico 6. As análises de dados demonstram que 50,68% dos acadêmicos acreditam que possuem conhecimento suficiente para automedicar-se. Montanari et al. (2014) em seu estudo aponta que dos acadêmicos de farmácia que tomam medicamento sem prescrição por conta própria, apenas 28,3% afirmam ter conhecimentos sobre os medicamentos.

Tabela 5 – Locais de armazenamentos dos medicamentos sem prescrições médicas

Locais	Acadêmicos	Porcentagem (%)
Cozinha	93	62,84
Quarto	55	37,16
Banheiro	2	1,35
Sala	6	4,05
Outros	5	3,37

Fonte – Próprio autor

Piveta et al. (2015) demonstraram que os locais destinados ao armazenamento dos medicamentos foram em sua maioria no quarto (47,8%), e a cozinha (33,9%). Em discordância com os achados do presente estudo que mostram que a família possui o hábito de armazená-los em sua maioria na cozinha 62,84%, seguido do quarto 37,16% e 97,97% dos acadêmicos estudados relataram que guardam os medicamentos em casa. Esse armazenamento deve ser repensado, pois segundo Fernandes e Petrovick (2004) a falta de cuidados com a farmácia caseira pode afetar a efetividade e a segurança dos medicamentos podendo ocorrer alterações na composição química, física e microbiológica dos medicamentos, diminuição da efetividade terapêutica ou elevação do risco de efeitos tóxicos de acordo com o tipo de degradação sofrida pelo fármaco.

CONCLUSÃO

Com base no que foi apresentado neste estudo, pode-se considerar a automedicação como uma prática prevalente entre os acadêmicos do curso de Farmácia da FAEMA, fator esse que deve ser considerado preocupante, uma vez que serão esses acadêmicos os responsáveis pela dispensação de medicamentos após formados, pois serão responsáveis pela sensibilização contrária a automedicação.

O fato de serem estudantes da área da saúde agrava o quadro, pois vários estudos mostram que um dos fatores que incitam a automedicação é considerar que possuem conhecimento suficiente para tal ato, além de fácil acesso a medicamentos, influência de familiares, amigos e vizinhos, também como sugestão de farmacêuticos ou funcionários da farmácia, e o uso de prescrições antigas.

Essa parcela de estudantes que se automedicam com medicamentos que necessitam de prescrição médica pode ser vista como não preocupada com os efeitos que esse uso irracional possa trazer, isso pode gerar o questionamento quanto a responsabilidade e preparação dos mesmos no quesito de orientação aos pacientes quanto a conscientização do uso correto de medicamentos, o que eles não demonstram apresentar segundo o que foi abordado neste trabalho.

É imprescindível que esse quadro seja revertido, e para isso é necessário que práticas educativas sejam incorporadas quanto ao uso correto dos medicamentos, as consequências do uso irracional, para que os acadêmicos consigam voltar a preocupação para si e a população possa receber deles cuidados de saúde de qualidade, de profissionais realmente competentes e preocupados com a preservação da saúde, principalmente com a própria.

Ainda baseado nos resultados apresentados aqui, pode-se dizer que é importante que se realize novos estudos, com novos delineamentos, onde seja possível enxergar o que realmente influencia essa prática, fazendo com que assim seja possível combater a automedicação irracional, não só nos acadêmicos, também na população.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. N. P, MATTOS, R. A, VIEIRA, R. C. P. A. **Medicamentos: conceitos, usos e problemas advindos do uso.** Convibra Saúde – Congresso Virtual Brasileiro de Educação, gestão e promoção da saúde. 2012. Disponível em: <<http://www.convibra.com.br/artigo.asp?ev=77&id=4105>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

AQUINO, Daniela Silva; BARROS, José Augusto Cabral; SILVA, Maria Dolores Paes. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232010000500027&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 04 nov. 2017.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl. 2, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102016000300311&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 nov. 2017.

BARATA D. M, BATISTA J.L.S. Prática da automedicação em acadêmicos, Iniciantes e formandos, do curso de fisioterapia da Unama. 2010. Monografia (Graduação em Fisioterapia) – Universidade da Amazônia, Amazônia, 2010. Disponível em: <www.unama.br/novoportal/ensino/graduacao/cursos/fisioterapia/index.php?option=com_content&view=article&id=130&Itemid=276>. Acesso em: 04 nov. 2017.

BITO, Rita Alexandra da Silva. **Autocuidados e automedicação na temática da obstipação.** 2013. Dissertação (Mestrado) - Escola de Ciências e Tecnologias da Saúde, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/4708>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

BOING, Alexandra Crispim et al. Acesso a medicamentos no setor público: análise de usuários do Sistema Único de Saúde no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n.4, p.691-701, 2013. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v29n4/07.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BORGES, Felipe Silva Alves. **A automedicação em estudantes universitários da Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília.** 2013, 49f. Monografia (Graduação) Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Curso de Farmácia, Ceilândia – DF. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/7428>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm>. Acesso em: 29 out. 2017.

CARVALHO, Karen Vitor et al. Avaliação da automedicação em acadêmicos de farmácia de uma instituição de ensino superior de Viçosa - MG. **Anais SIMPAC**, Viçosa, v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://academico.univiosa.com.br/revista/index.php/RevistaSimpac/article/view/333>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

FERNANDES, L. C.; PETROVICK, P. R. Os medicamentos na farmácia caseira. In: SCHENKEL, E. P.; MENGUE, S. S.; PETROVICK, P. R. **Cuidados com os medicamentos**. 4. ed. Porto Alegre: UFRS, 2004. p. 39-42.

FERNANDES, Wendel Simões; CEMBRANELLI, Julio Cesar. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. **Revista Univap**, São José dos Campos, v. 21, n. 37, 2015. Disponível em: <<http://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/265>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área da formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p.3323-3330, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n12/17.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

IURAS, Anderson et al. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). **Rev. Port. Estomatol. Med. Dent. Cir. Maxilofac.** v. 57, n. 2, p.104-111, 2016. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S164628901600008X>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

LOPES, Wemíria de Fátima Lima et al. A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-Pi. **Rev. Interd.**, Teresina, v. 7, n. 1, p. 17-24, 2014. Disponível em: <https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/148/pdf_91>. Acesso em: 02 nov. 2017.

MONTANARI, Cristina Matiniano et al. Automedicação em acadêmicos de uma universidade pública do sul de Minas Gerais. **Tempus, actas de saúde colet**, Brasília, v. 8, n. 4, p. 257-268, 2014. Disponível em:

<<http://tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1596>>. Acesso em: 27 out. 2017.

NAVES, Janeth de Oliveira Silva et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 1751-1762, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/087.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora; BERMUDEZ; Jorge Antonio Zepeda; OSÓRIO-DE-CASTRO; Claudia Garcia Serpa. **Assistência Farmacêutica e acesso a medicamentos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

PANIZ, Vera Maria Vieira et al. Acesso a medicamentos para tratamento de condições agudas prescritos a adultos nas regiões Sul e Nordeste do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n4/1678-4464-csp-32-04-e00009915.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

PEREIRA, Januária Ramos et al. Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. **Univille**, Joinville. 2006. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/mencoes/januaria_ramos_trabalho_completo.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2017.

PIVETA, Lenita Nunes et al. Armazenamento e descarte de medicamentos por acadêmicos da área da saúde de uma universidade pública paranaense. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 36, n. 1, p. 55-66, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/view/20511>>. Acesso em: 29 out. 2017.

ROCHA, Ana Leda Ribeiro. **Uso racional de medicamentos**. 2014, 50f. Monografia (Especialização) - Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Tecnologia em Fármacos, Curso de Especialização em Tecnologia Industrial Farmacêutica, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciict/11634/1/25.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SANTOS, David Peixoto et al. **Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos da associação educacional de vitória**. 2010, 43f. Monografia (Graduação) FAESA Associação Educacional de Vitória Unidade de Conhecimento em Ciências Médicas e Saúde Curso de Graduação em Enfermagem, Vitória – ES. Disponível em: <<http://apps.cofen.gov.br/cbcentf/sistemainscricoes/arquivosTrabalhos/I19714.E8.T3468.D4AP.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2017.

SILVA, Edson A. R.; ROCHA, Maria dos Anjos A.; DAMASCENO, Eurislene M. A. Automedicação em acadêmicos do primeiro e último ano do curso de Farmácia da Faculdade de Saúde Ibituruna em Montes Claros – MG. **RBPeCS**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 19-24, 2014. Disponível em: <<http://www.icesp.br/revistas-eletronicas/index.php/RBPeCS/article/view/7>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SILVA, Lais Brevi et al. Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da universidade estadual de Londrina. **Revista espaço para a saúde**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 27-36, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/espacoparasaude/article/view/20417>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SILVA, Lucas Salles Freitas et al. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do Estado de Minas Gerais. **Odontol. Clín. Cient.**, Recife, v. 10, n. 1, p. 57-63, 2011. Disponível em: <http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-38882011000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 nov. 2017.

SILVA, Luciana Amaral de Faria; RODRIGUES, Andrea Macedo de Souza. Automedicação entre estudantes de curso da área de saúde. **Rev. Bras. Farm.** Rio de Janeiro, v. 95, n. 3, p. 961-975, 2014. Disponível em: <<http://www.rbfarma.org.br/files/697--Automedicao-entre-estudantes-de-cursos-da-area--de-saude.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

TAVEIRA, Clarice Cunha; GUIMARÃES, Ringo Star Fernandes. **Fundamentos de Farmacologia**. Brasília: NT Editora, 2014.

VIEIRA, Fabiola Sulpino. Assistência farmacêutica no sistema público de saúde no Brasil. **Rev. Panam. Salud. Pública**, Washington, v. 27, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v27n2/a10v27n2>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

APÊNDICES

APÊNCIDE A - QUESTIONÁRIO:

Curso: _____ Período: _____ Sexo: M () F () Idade: _____	
Fez ou faz uso de medicamento sem prescrição ou orientação de profissional, em algum momento na sua vida? Sim () Não ()	Onde são armazenados esses medicamentos? Cozinha() Quarto() Banheiro() Sala() Outros () Quais? _____
Sua família tem o hábito de guardar medicamentos em casa? Sim () Não ()	Fez uso de medicamentos sem prescrição nos últimos 15 dias? Sim () Não ()
Das classes de medicamentos listados abaixo, qual (is) você já utilizou (Apenas com a prática da Automedicação): <input type="checkbox"/> Analgésicos/antitérmicos (dor e febre) <input type="checkbox"/> Anti-inflamatórios <input type="checkbox"/> Antibióticos <input type="checkbox"/> Relaxantes musculares <input type="checkbox"/> Antialérgicos <input type="checkbox"/> Antigripais <input type="checkbox"/> Antiespasmódicos (cólica) <input type="checkbox"/> Gastroprotetores <input type="checkbox"/> Antiparasitários <input type="checkbox"/> Metilfenidato (Ritalina) <input type="checkbox"/> Suplementos vitamínicos <input type="checkbox"/> Anticoncepcional (pílula, injeção) <input type="checkbox"/> Outros: _____	Qual (is) doenças tratadas pelos medicamentos utilizados sem prescrição médica <input type="checkbox"/> Dores de cabeça <input type="checkbox"/> Dores musculares <input type="checkbox"/> Dor de garganta <input type="checkbox"/> Febre <input type="checkbox"/> Inflamação <input type="checkbox"/> Dores <input type="checkbox"/> Infecção <input type="checkbox"/> Sintomas da gripe <input type="checkbox"/> Cólicas <input type="checkbox"/> Alergia <input type="checkbox"/> Dor no estômago <input type="checkbox"/> Parasitoses <input type="checkbox"/> Desgaste físico e mental <input type="checkbox"/> Outros: _____
Por que você utilizou medicamentos sem prescrição e/ou orientação médica? <input type="checkbox"/> Praticidade e comodidade <input type="checkbox"/> Facilidade de compra na farmácia <input type="checkbox"/> Falta de acesso a serviços de saúde <input type="checkbox"/> Falta de dinheiro <input type="checkbox"/> Outros: _____	Quem mais tem maior influência que te levou a prática da automedicação? <input type="checkbox"/> Farmacêutico ou funcionários da farmácia <input type="checkbox"/> Familiares, vizinhos e amigos <input type="checkbox"/> Conhecimento próprio <input type="checkbox"/> Prescrições antigas <input type="checkbox"/> Propaganda <input type="checkbox"/> Outros: _____
Nos dias que utilizou esses medicamentos, houve algum episódio (sintomas) diagnosticado de intoxicação? () Sim () Não	
O Medicamento utilizado apresentou algum desses sintomas abaixo: () Insônias () Náuseas () Nervosismo () Dores de cabeça () Boca seca () Pressão arterial elevada	
Nos dias que utilizou esses medicamentos, houve algum episódio (sintomas) diagnosticado de Reação Adversa? () Sim () Não	
Você acredita que tem conhecimento o suficiente para se automedicar? () Sim () Não	
Você conhece as interações e reações adversas advindas desse medicamento? () Sim () Não	

Questionário utilizado para a obtenção dos dados, adaptado dos seguintes estudos, a saber: "Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento" de

PEREIRA et al. (2006); “A automedicação em estudantes universitários da Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília de BORGES (2013); e por último, do estudo intitulado “Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil)” de IURAS et al. (2016).